

# ELISÃO DE FONEMAS NA CADEIA DE FALA

Suzi Oliveira de Lima\*

**RESUMO:** Este artigo visa a apresentar os resultados da análise acústico-articulatória da cadeia de fala de um falante habitante de São Tiago – MG gravado para o Projeto Filologia Bandeirante. O fenômeno analisado são as seqüências fonéticas elididas durante a amostra de fala.

**Palavras-chave:** filologia bandeirante, apagamento fônico, falares de idosos.

## 1. INTRODUÇÃO

**A** motivação investigativa deste estudo decorreu da observação do fenômeno de apagamento<sup>1</sup>, ou em outras palavras, da elisão de fonemas na cadeia de fala. É possível pensar que os fenômenos fonológicos que ocorrem na língua poderiam resultar em um caos de incompreensão lingüística, mas paradoxalmente este não se instaura, já que as particularidades na comunidade de fala se inter-relacionam e, ademais, renovam o sistema lingüístico. Nesse âmbito, questionou-se primeiramente: como poderia ser explicado o fato de um falante proferir “cin de agos de seten e do” e seu interlocutor compreender a frase “cinco de agosto de setenta e dois”? O que condiciona a fala desse falante e gera esse fenômeno de apagamento? Por que esse fenômeno ocorre e como não é perceptível na sociedade? Essas

---

\* Universidade de São Paulo (Graduação).

<sup>1</sup> Referimo-nos aos seguintes fenômenos: aférese, síncope e apócope.

perguntas e outros pontos hipotéticos a respeito da fonologia do português arcaico presente no *corpus* do Projeto Filologia Bandeirante serão explicitados neste artigo. Como metodologia, foram utilizados os programas computacionais PRAAT e Varbrul<sup>2</sup>, ambos apoiados na bibliografia referente ao português arcaico e pesquisas atuais sobre fonologia.

## 2. O FALANTE

A cadeia de fala analisada corresponde a uma entrevista gravada em 1998, quando o informante – alfabetizado, mas não escolarizado – contava com 62 anos e habitava São Tiago – MG. A entrevista apresenta 42 minutos e 31 segundos e foi realizada por Mário Viaro e Waldemar Ferreira Netto.

## 3. O FENÔMENO

O apagamento/redução de traços fonológicos em palavras mostrou-se produtivo em várias posições da palavra e envolveu diferentes fonemas no processo. A partir dessa alteração fônica aparentemente caótica, adotaram-se alguns critérios lingüísticos, os quais – de forma intuitiva e sem perder de vista as ocorrências – propiciaram melhor compreensão do fenômeno. Para efeito de estudo os grupos de fatores de análise foram os seguintes: contexto anterior, contexto posterior, tonicidade do elemento apagado, fonema(s) apagado(s) e classe gramatical.

<sup>2</sup> O primeiro será utilizado na análise acústica dos sons, já o último servirá ao tratamento estatístico e na correlação entre fatos hipotéticos para explicar o fenômeno.

## 4. FATORES CONDICIONADORES DO APAGAMENTO

### 4.1 Fatores extralingüísticos

É válido inicialmente ressaltar que a língua, nas comunidades de fala, não permanece isolada em fatores lingüísticos. Logo, ao se analisarem os hábitos lingüísticos de um falante, faz-se necessário observar suas características sociais, inerentes a qualquer indivíduo. Na entrevista analisada, um fator preponderante que será analisado mais detidamente é a idade.

A Medicina Geriátrica associa ao envelhecimento alterações morfológicas (alterações corporais), fisiológicas (funções orgânicas) e bioquímicas (reações químicas que se processam no corpo). Segundo Lagrotta (2001, p. 12), essas alterações induzem mudanças internas e externas não apenas fisicamente, mas também nas funções vitais do indivíduo idoso. Sobre isso, Lagrotta retoma Behlau:

*em relação aos aspectos orgânicos do envelhecimento vinculados com a abordagem fonoaudiológica, ocorre uma modificação da voz chamada presbifonia. Trata-se de uma deficiência decorrente das ações hormonais, da ineficiência muscular na região laríngea, da redução da capacidade respiratória e de modificação na utilização das cavidades ressonanciais. A presbifonia provoca variações vocais progressivas, podendo produzir mudanças nos padrões de comunicação oral dos idosos (grifos nossos).*

Das características inerentes à fala do idoso, resultam alguns fatores que condicionam os processos fonéticos do falante analisado, a saber: um ritmo irregular de fala proporcionado principalmente pelo gaguejamento, pelas pausas inesperadas, pelos cortes de palavras e pelos alongamentos de certos fonemas. Posto isso, nota-se que o fenômeno analisado, ainda que possa aparecer em qualquer faixa etária, intensifica-se na terceira idade, por questões biológicas e não apenas por questões expressivas ou regionais. Leia-se que o fenômeno do apagamento fonético (elisão de fonemas) deixa, nesse caso, de ser algo totalmente inerente à economia lingüística, mas consequência do sistema fisiológico do falante.

Um dos pontos relevantes na pesquisa foi observar um fenômeno recorrente na passagem do latim para o português perpetuado através dos tempos. Assim, o fenômeno do apagamento não se constitui um processo recente no português brasileiro (doravante PB), mas um processo que possivelmente em 1951 já era preponderante. Por que 1951? Adotou-se a noção de tempo aparente (Naro, 1982) – também conhecida como “teoria clássica” – a qual pressupõe que um falante tende a utilizar a norma que adquiriu na puberdade; esse fato acarreta, inevitavelmente, as variações lingüísticas em uma comunidade. Obviamente, sabe-se que os falantes apresentam diversificação de fala ao longo da vida, já que existem outros fatores (diatópicos, diastráticos, por exemplo) que também alteram e influenciam o uso, razão por que em uma comunidade de fala, a frequência de uso das variantes (principalmente morfológicas, sintáticas e lexicais) apresenta diferentes níveis de uso entre as diferentes faixas etárias. Em suma, entende-se que o fenômeno do apagamento manteve-se no PB ainda que seja imperceptível aos falantes no ato da enunciação nos diferentes contextos de uso.

A elisão de fonemas é possível e compreensível dado que lingüisticamente, “os segmentos são, em princípio, separáveis, mas a eficiência da produção e da percepção da fala parece maior se eles são ‘fundidos’ num contínuo aparentemente sem fronteiras” (MOTTA MAIA, 1999, p. 26). Na elaboração desse ‘contínuo’, é natural que seja conhecimento compartilhado o processamento econômico, muitas vezes não-planejado, como a elisão, a qual se intensifica em falantes idosos pelo próprio enfraquecimento de capacidade articulatória.

Como é possível apagar um trecho da palavra e mesmo assim apreender seu sentido pleno? Isso ocorre porque no ato verbal os falantes não apreendem o sentido por uma palavra isolada, mas pelo contexto. Além disso, os falantes pronunciam em um *continuum* sonoro, a partir do qual o ouvinte (que compartilha o mesmo sistema lingüístico) tende a compreender o que será dito, ainda que a informação não tenha sido proferida por completo. Sendo assim,

essa ‘compreensão antecipada’ efetiva-se mediante associação de diversos elementos, tais como aspectos pragmáticos e cognitivos.<sup>3</sup> Logo, entende-se por que o falante é compreendido ainda que apague fonemas em sua fala. No *corpus*, a tendência de apagamento em final de sílaba mantém-se (50% final, 13% inicial e 37% medial) já que é uma parte que não mais oferece novo conteúdo semântico, além do que a sílaba final tende a possuir um acento mais fraco. O fato de o interlocutor compreender o falante mesmo quando a palavra não é proferida por completo alia-se ao fato de que grande parte dos apagamentos não se concentra no início da palavra, já que esta é uma das bases para o reconhecimento psíquico do vocábulo. Ademais, o apagamento de partes iniciais da palavra acarreta preconceito lingüístico por ser menos esperado como fonema reduzido/apagado. Nesse âmbito, é possível compreender que, na interação, o falante não está preocupado com a pronúncia dos fonemas, mas com o encadeamento lógico que esses elementos possuem e com o sentido do todo.

Os dados que se apresentam com apagamento em início de sílaba decorrem da relação com o contexto anterior, pois muitas vezes há uma nova segmentação vocabular em decorrência do sândi, que pode sacrificar um fonema em favor de outro, especialmente condicionado pela força fonológica que este apresenta no contexto vinculada à lei da economia lingüística, como se pode observar a seguir:

#### Exemplo 1

“(...) a issu num é u povu pur exemplu di certa década até tualidade {atualidade > tualidade} até tualidade {atualidade > tualidade} qui nós tamus {estamos > tamus} nela u povu tá {está > tá} num espírito de regressão que eu ficu horrorizadu (...)”

<sup>3</sup> A noção da relação física e psicológica na Fonética foi extraída do capítulo “Entre o físico e o psicológico”. (MOTTA MAIA, 1999, p. 24-31).

**Exemplo 2**

"Meu avô quanu {quando>quanu} veio pra qui {aqui>qui} u capitão Sabinu(...)"<sup>4</sup>

## 4.2 Fatores intralingüísticos

Sabe-se que as regiões percorridas pelos bandeirantes apresentavam habitantes indígenas. Em consequência, os traços de línguas referentes a essa população, em especial o tupi, deixaram resquícios fonológicos no PB (em algumas regiões de maneira mais marcada que em outras), como, por exemplo, as vogais oxítonas átonas que tendem a sofrer apagamento no final de palavra (coisa > cois).

É possível dizer que, em muitos casos, não exista um apagamento absoluto, mas enfraquecimento de um fonema que transfere seus traços para o próximo fonema da cadeia de fala.

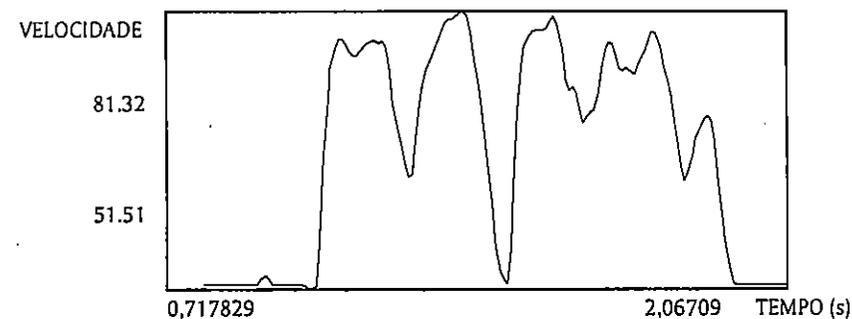
Uma curiosidade, no que se refere ao apagamento das tônicas, apresenta-se no fato de que, com as modificações articulatórias inerentes à idade (enfraquecimento articulatório; alongamento do tubo vocal), os padrões lingüísticos de tonicidade dos falantes são alterados, e isso acarreta mudanças previsíveis, tal como o apagamento em contextos tônicos. É natural, pois, que o falante opte por expressões que exijam menor esforço articulatório. Além disso, as sílabas não são em si mesmas fracas ou fortes, mas assumem o grau de tonicidade de acordo com os fonemas que lhe são próximos; a força dos fonemas é instituída por comparação, isto é, cada vocábulo apresenta em dado contexto seu conjunto de força.

Na amostra, os fonemas que mais sofrem apagamento são as consoantes. Tal ocorrência deve-se ao maior trabalho articulatório exigido por essas em relação às vogais, o que as torna mais propensas à queda que auxiliaria na liberação da área articulatória.

<sup>4</sup> Observa-se que os exemplos foram transcritos delineando o fenômeno do alçamento.

No que compete ao número de sílabas das palavras, pode-se presumir que todo falante de acordo com seu ritmo e características intrínsecas à sua fala reproduz uma cadência de fala específica. Nesse sentido, existiria um número de sílabas que, colocadas em maior uso que outras, fariam com que o apagamento desempenhasse uma função além daquelas já explicitadas (como favorecer a velocidade de fala e auxiliar a economia de produção lingüística): a uniformização da quantidade silábica do falante e a construção de um padrão comunicativo. No caso, observou-se que há tendência de utilização de monossílabos (40%) e de dissílabos (37%) em larga vantagem, em detrimento de trissílabos (15%) e polissílabos (8%).

Por meio do programa PRAAT, que permite analisar os formantes, observou-se detalhadamente como ocorre o fenômeno analisado. A velocidade demonstrou-se relevante, já que cada vez que o falante apresentava maior fluência de fala, alguns segmentos desapareciam. Além disso, observou-se a questão da intensidade, que alterava também a cadeia. Em razão disso, quando um elemento do *continuum sonoro* era frisado por exigências argumentativas, os seguimentos posteriores acabavam por ser mais amplamente enfraquecidos. Abaixo, observa-se o gráfico de intensidade do trecho "Compó {comprou>compó} a Pedra zul {azul>zul} (...)". Nele observam-se os picos de intensidade irregulares (vertical: intensidade; horizontal: tempo), conforme proposta de Delgado Martins (1982 e 1988):



Durante a análise, o fenômeno do apagamento, que muitas vezes restringia-se a certas regiões da palavra (final) e a certos tipos de tonicidade, se expandiu e alcançou diversas localizações na palavra.

O acento assume não somente a função de reduzir as vogais átonas (sílabas que, não sendo tônicas, são desvalorizadas na pronúncia) e as conduzir para o abreviamento, mas ainda de, simultaneamente, alongar a sílaba na qual recai. Todavia, a despeito de um isolamento, a sílaba tônica é influenciada pelo contexto próximo e pelos fonemas que são modificados e, por isso, também sofre os processos aqui explicitados (apagamento/redução fonológica).

Particularidades na pronúncia dos falantes geram mudanças de classificação das vogais, o que também pode ser entendido como a perda de traços das mesmas em detrimento da assunção de traços de outro fonema. Em caso de duas vogais idênticas, a eliminação se faz pela crase. Diversamente, no caso de vogais não-idênticas, tem-se o fenômeno de fechamento que resulta em queda. Em ambos os casos, as vogais geralmente são reduzidas por assimilação, isto é, por neutralização da oposição.

É válido ressaltar que as consoantes que sofrem apagamento na amostra analisada (86 ocorrências em 152 dados) possuem grande semelhança de traços fonológicos entre si. Além disso, observou-se que as consoantes com maior tendência à queda são as mediais.

Alguns casos de encontro de consoantes geraram a necessidade de inclusão de vogal intermediária na fala para burlar a oclusão. Esse comportamento traduz-se na interpretação de que as funções da prótese se relacionam ao alongamento final dos sons, invariavelmente para facilitar a produção do padrão silábico CVC.

Uma outra consoante que gerou controvérsias nos estudos desenvolvidos por filólogos e lingüistas (AMARAL, 1920; CÂMARA JR., 1975 e COUTINHO, 1976, por exemplo) foi o [n]. Naturalmente esse fonema influencia os sons que o estão precedendo, como ocorre na cadeia de fala analisada, em que há ênfase da nasalização das

vogais próximas ao fonema nasal e o [n] acaba sendo suprimido deixando seus traços fonológicos no vocábulo.

Por fim, é válido ressaltar que esses acontecimentos lingüísticos que, em primeira instância, poderiam causar estranhamento, são decorrentes do próprio caráter dinâmico da língua e não se dão de maneira anárquica, pois qualquer fenômeno ocorrente na língua é delimitado pelo sistema; e nada pode romper sua integridade.

## BIBLIOGRAFIA

- AMARAL, A. *Dialeto caipira*. São Paulo: Casa editora 'O livro', 1920.
- CÂMARA JR., J. M. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.
- COUTINHO, I. L. *Pontos de gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.
- DELGADO MARTINS, M. R. *Sept études sur la perception*. Lisboa: Casa da Moeda, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Ouvir falar: introdução à fonética do português*. Lisboa: Caminho, 1988.
- LAGROTTA, M. G. M. *A repetição em idosos em diferentes situações institucionais*. São Paulo, 2001. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- MEGALE, H. *Filologia bandeirante*. São Paulo: Humanitas, 2000.
- MOTTA MAIA, E. A. *No reino da fala: a linguagem e seus sons*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1991.
- NARO, A. J. Idade. In: MOLICA, M. C. (Org.) *Cadernos didáticos da UFRJ*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1982.

**ABSTRACT:** The purpose of this paper is the acoustic and articulatory analysis of an elderly speaker who lives at São Tiago – Minas Gerais recorded by project "Bandeirante" Philology. The analyzed phenomenon is the phonetics sequences eliminated during the spoke sample.

**Keywords:** bandeirante philology, elision, elderly spoke.